

A agricultura urbana, o desenvolvimento integral e a cidade jardim, um resgate de Élisée Reclus e Piotr Kropotkin.

Silvio Marcio Montenegro Machado¹; Pedro Nicoletti Motta².

Introdução

O presente trabalho resulta de um esforço em compreender a agricultura urbana, considerada um fenômeno recente, mas que há muito é exercida por diversos povos como prática de subsistência e soberania alimentar. Ao mesmo tempo procuramos fazer um resgate do pensamento de dois geógrafos visionários e envolvidos com as causas sociais que viveram no século XIX e que em função de seu envolvimento político foram igualmente “esquecidos” ou ocultados pela geografia, não somente brasileira, mas internacional.

As mudanças na paisagem são uma constante nos arrabaldes das aglomerações urbanas de nossa América Latina, a paisagem é rapidamente transformada gerando uma alteração constante no uso e ocupação do solo, distanciando cada vez mais a produção agrícola da grande massa de consumidores, em Florianópolis, capital do estado brasileiro de Santa Catarina não é diferente.

Cada vez mais o consumo de alimentos aumenta numa relação diretamente proporcional ao aumento populacional. A produção de alimentos é dependente quase que exclusivamente das chamadas “áreas rurais” cada vez mais distantes dos centros consumidores.

Em consequência dessas transformações, os produtores se vêem pressionados a utilizar aditivos agrícolas para satisfazer as demandas de produção, tornando-os cada vez mais dependentes destes. A distância entre produção e consumo fazem produtores e consumidores reféns dos “atravessadores”, que ditam o preço a pagar pela produção ao agricultor e o preço final ao consumidor.

Nesse contexto, a agricultura urbana se insere como alternativa de segurança e soberania alimentar promovendo a aproximação entre produção e consumo, e fomentando as idéias de cooperação, autonomia e preservação ambiental.

Podemos nos perguntar o que dois pensadores que viveram no século dezanove têm a contribuir com a construção da concepção e desenvolvimento do ideal de agricultura urbana na contemporaneidade?

O trabalho procura resgatar as formulações de Desenvolvimento Integral de Kropotkin e de Cidade Jardim de Reclus, comparando com a prática da agricultura urbana na contemporaneidade, baseado no panorama mundial desta e no estudo de caso da cidade de Florianópolis através dos trabalhos da CEPAGRO (Centro de Estudos de Promoção da Agricultura de Grupos).

Uma breve discussão conceitual

Não poderíamos conceituar agricultura urbana sem perpassarmos por uma velha discussão que permanece atual na geografia brasileira, a caracterização do que é o rural e o urbano. Vale ressaltar que na tentativa de construir uma definição conceitual vários autores utilizaram distintos critérios, estabelecidos ao longo da história da construção destes conceitos que vigoraram ou vigoram em diferentes tempos e espaços, entre os quais cabe destacar: O tamanho demográfico, densidade, atividades ou uso do solo e aspectos sócio-culturais.

Os critérios adotados de forma genérica deram conta de criar uma oposição entre o rural e o urbano, classificando como rural o que não é urbano e vice-versa. A complexidade das inter-relações, usos e transformações dinâmicas da sociedade atual tornam esse tipo de classificação insuficiente.

¹ Graduando de Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina

² Graduando de Geografia da Universidade de Brasília

Apesar de considerarmos diferentes as relações historicamente construídas nos espaços urbanos e rurais, não acreditamos em uma oposição entre o rural e o urbano. Com isso não pretendemos abordar o meio rural e o meio urbano separadamente, privilegiando o antagonismo urbano/rural.

Como nem tudo que está no campo pode ser considerado como uma realidade rural, e o melhor exemplo disso são as atividades de turismo e lazer, a cidade pode apresentar algumas características que seriam normalmente atribuídas ao meio rural, nisto se insere a agricultura urbana.

O conceito de agricultura urbana também suscita discussões, pensar “agricultura” e “urbano” pode parecer antagônico, pois genericamente a idéia de agricultura como uma atividade do primeiro setor da economia, está associada com o meio rural e o meio urbano se identifica mais com as atividades comerciais e industriais, os chamados segundo e terceiro setor da economia.

Para Milton Santos, o urbano ou “*A região urbana tem sua unidade devida sobretudo à inter-relação das atividades de fabricação ou terciárias encontradas em seu respectivo território.*” (SANTOS 1996, p.65) E o rural ou região agrícola como define é representado por “... *idades que abrigam atividades diretamente ligadas às atividades agrícolas circundantes e que dependem, segundo graus diversos, dessas atividades* (SANTOS 1996, p.65). Portanto o “meio rural” é definido por apresentar como atividade econômica principal a agrícola e o “meio urbano” como atividade econômica principal a industrial e/ou serviços, porém cada vez mais esses espaços se inter-relacionam e se faz necessário uma alternativa a esse modelo de divisão espacial do trabalho construído historicamente pela sociedade capitalista.

A expressão Agricultura Urbana é utilizada pela FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação) e refere-se a áreas pequenas localizadas dentro de uma cidade destinadas ao cultivo e à criação de animais, seja para o consumo próprio ou para a comercialização e pode ser ainda, intra-urbana ou periurbana.

De acordo com Toledo e Toledo 2002 “*A área intra-urbana refere-se a todos os espaços dentro das cidades que podem ter algum tipo de atividade agrícola*”. Enquanto que a área periurbana é mais difícil de delimitar devido às rápidas transformações porque passam as periferias ou áreas de transição entre as grandes cidades e o campo, principalmente em função do rápido avanço das indústrias, comércio e residências sobre essas áreas.

A agricultura periurbana se dá, portanto nos chamados “vazios urbanos” ou “cidade/campo” como classifica Sposito, “...*não são mais campo e não chegam a ser ainda, cidade, podendo-se admitir então que são cidade/campo*” (SPOSITO 2006, p.124-125), espaços que não possuem forma ou uso do solo urbano, mas encontram-se cercados por loteamentos, comércio e indústrias.

Por fim, podemos salientar que ao referir-nos à agricultura urbana estamos generalizando diversas formas de produção que ocorrem no âmbito da cidade e que se diferenciam segundo a origem, objetivo, escala e destinação da produção.

“Na verdade pode-se falar em várias agriculturas que ocorrem dentro do perímetro urbano, e que se diferenciam pelo tamanho de exploração (desde propriedades médias nas periferias das cidades até plantios em vasos nas sacadas de apartamentos), objetivo da atividade (produção comercial, complementação de renda, reinserção social, resgate e preservação cultural, atividades de lazer, busca por alimentos mais saudáveis, entre outros), origem (atividades espontâneas de agricultores, projetos privados ou governamentais), tecnologia empregada, etc.” (ANDRADE, CAVASSA e FEIDEN 2007, p.1).

A Agricultura Urbana apresenta-se como um mosaico de possibilidades e formas com diferentes objetivos, mas sempre com uma característica própria, a de produzir alimentos dentro da cidade ou do perímetro urbano.

Piotr Kropotkin e o Desenvolvimento Integral

Piotr Ayexeyevich Kropotkin (1842-1921), foi um geógrafo russo constantemente lembrado nas obras que resgatam as idéias libertárias do século XIX e dos primórdios do século XX, oriundo de família rica e aristocrática também conhecido como o “Príncipe Anarquista” que abandonou seu lugar entre os Czares, e que segundo VESENTINI decidiu viver modestamente de seu próprio trabalho como Geógrafo e secretário da Sociedade Geográfica Russa, professor, jornalista e tipógrafo.

Ao fazer um resgate da importância do pensamento deste polêmico geógrafo revolucionário e certamente um dos principais inspiradores dos ideais libertários que influenciaram os opositores do ditador fascista General Franco durante a guerra civil espanhola, encontramos entre suas idéias a pluriatividade e a idéia de equilíbrio entre produção e consumo dentro de uma determinada sociedade, idéias que remetem ao desenvolvimento da agricultura urbana, e isto somente se tornaria possível, segundo Kropotkin, através do desenvolvimento integral do ser humano.

Kropotkin acreditava no desenvolvimento integral do ser humano e era crítico da divisão do trabalho, acreditava que o ser humano não nasceu para desempenhar uma única função durante toda a sua vida, como parafusar, martelar ou operar uma máquina sem compreender porque esta executa suas funções ou obedece aos comandos que lhe são dados.

Em um artigo denominado “campos, fabricas y talleres” de 1898, Kropotkin critica a obra Riqueza das Nações do economista Adam Smith, e desenvolve sua teoria sobre o desenvolvimento integral do ser humano.

“La división del trabajo fue su bandera; y La división y subdivisión permanente de funciones (esta última sobretudo), se han llevado tan lejos, que han conseguido dividir a la humanidad en castas, casi tan fuertemente constituidas como las de la antigua Índia. Tenemos, primero, la división en productores y consumidores; después, la de productores que consumen poco, y consumidores que producen poco. Y luego, entre los primeros, una serie de nuevas subdivisiones: El trabajador manual y el intelectual, profundamente separados, en prejuicio de ambos; el trabajador del campo y el de la fábrica; y entre la masa de los últimos, nuevas subdivisiones, tan minúsculas, que la idea moderna de un trabajador parece ser un hombre o una mujer, y hasta una niña o un muchacho, sin el conocimiento de ningún oficio, sin la menor idea de la industria en que se emplea.” (KROPOTKIN, 1889).

Primeiramente, faz uma crítica à divisão do trabalho e à transformação do ser humano em um objeto, um robô que apenas executa ordens dentro de uma fábrica ou onde quer que sua força de trabalho seja empregada. Defende que o ser humano precisa ser integrado ao “todo”, um desenvolvimento em todas as áreas seja na ciência, na agricultura, na indústria ou nas artes de acordo com as necessidades e as preferências de cada um.

“La humanidad comprende que ninguna ventaja aporta a ala comunidad el condenar a un ser humano a estar siempre en el mismo lugar, en el taller o la mina, y que nada gana privándole de un trabajo, que lo pusiera en libre contacto con la naturaleza, haciendo de el una parte conciente de un gran todo, un partícipe de los más elevados placeres de la ciencia y el arte, del trabajo libre y la concepción.” (KROPOTKIN, 1889).

É justamente nesse sentido que as contribuições de Kropotkin podem ser resgatadas e aplicadas à agricultura urbana, porque esta além de fornecer alimentos contribuindo para a

segurança e soberania alimentar, saúde, e ser fonte de renda, também permite ao ser humano a condição de poder estar ligado às atividades com a terra, atividades estas que o mundo moderno tem privado à grande maioria da população das cidades.

Uma característica marcante dos agricultores urbanos é que muitos destes são agricultores que muitas vezes conciliam o trabalho na horta com outro considerado urbano ou da cidade. Kropotkin faz referência a esta característica que encontramos na agricultura urbana e a outras como a proximidade/mescla entre consumidor e produtor como parte do desenvolvimento integral, que traz um desenvolvimento realmente social e humano e não apenas econômico.

“Nosotros proclamamos la integración y sostenemos que el ideal de la sociedad, el estado a lo cual marcha ésta, es una sociedad de trabajo integral, una sociedad en la cual cada individuo sea un productor de trabajo manual y intelectual; en la que todo el ser humano que no esté impedido sea un trabajador, y en la que todos trabajen, lo mismo en el campo que en el taller industrial, donde cada reunión de individuos, bastante numerosa para disponer de cierta variedad de recursos naturales, ya nación u región, produzca y consuma la mayor parte de sus productos agrícolas y industriales” (KROPOTKIN, 1889)

Kropotkin reconhecia que a organização da sociedade em classes dificulta esse tipo de desenvolvimento, segundo ele enquanto os donos da terra e do capital continuarem se apropriando da produção sobre a proteção do Estado, essa transformação da sociedade em direção ao desenvolvimento integral do ser humano não poderá ser completa, e acrescenta que qualquer tentativa de transformação da sociedade e da atual relação capital-trabalho fracassará se o desenvolvimento integral do ser humano não for levado em conta.

“Pero nosotros sostenemos también que cualquier intento socialista encaminado a restaurar las actuales relaciones entre el capital y el trabajo, fracasará por completo si no se tiene presente las tendencias antes mencionadas hacia la integración.” (KROPOTKIN, 1889).

Nesse sentido podemos destacar que a agricultura urbana possui um potencial de transformação de uma realidade social que pode se tornar uma ferramenta importante na transformação da sociedade como um todo, uma transformação revolucionária da sociedade pela qual Kropotkin lutava.

Élisiée Reclus e a Cidade-Jardim

Élisiée Reclus (1830 – 1905), diferentemente de Kropotkin, vem de uma família de origem modesta, cuja mãe cumpria predominante papel de sustento econômico com um humilde salário. Isso, entretanto, não o impede de passar grande parte de sua vida peregrinando por quase todo o globo, ora em exílio político trabalhando em diferentes tarefas para se sustentar, ora como forma de alimentar sua profunda curiosidade sobre os fenômenos e características da natureza exercendo a investigação científica patrocinada pela editora *Hachette*. Suas viagens compreenderam países de todos os continentes. Na América Latina viveu na Colômbia, onde tentaria estabelecer uma colônia européia, viajou pela Argentina, Uruguai, Chile e Brasil, este último que teve como resultado uma análise do “Estado material e social da população brasileira” (RECLUS, 1900).

A geografia de Reclus é a primeira vista, eminentemente física, influenciada pelo paradigma de seu tempo que privilegiava a descrição exaustiva dos fenômenos naturais em busca do descobrimento das muitas superfícies ainda desconhecidas para a sociedade científica. Não é com dificuldade, entretanto, que se percebe que seu pensamento diverge profundamente de seus

contemporâneos, antecessores e sucessores, geógrafos da escola de Vidal de La Blache, que costumavam separar completamente a geografia física da humana. Sua teoria correlaciona os fenômenos naturais e humanos, na sua multidimensionalidade e complexidade. Dando primazia às influências humanas sobre a Terra, mas não deixando de refletir quanto à relação inversa, Reclus deixa claro que é impossível conceber a natureza sem a dimensão humana, e vice-versa. A corporeidade orgânica una, que têm a sociedade e a natureza, transparecem na sua afirmação “O homem é a natureza adquirindo consciência de si própria.” (RECLUS, 1905).

Outra característica que o distingue é que ele absorve a concepção da sociedade constituída por classes sociais antagônicas na sua teoria científica. “Enquanto Reclus tomava essa posição, os maiores geógrafos de seu tempo – como Ratzel – ou os que o sucederam – como Vidal de La Blache – ignoravam a existência das classes sociais, considerando-as categorias a serem analisadas por sociólogos e historiadores” (ANDRADE, 1985).

Élisée Reclus nunca separou sua ação política de sua ação científica, podendo ser considerado o “profissional-cidadão” (ANDRADE, 1985). Não mascarava, portanto, sua obra científica com uma neutralidade instrumental que caracterizava a ciência do século dezenove, mas a propunha como ferramenta de compreensão da realidade e de transformação social, em favor de uma sociedade harmônica. Mesmo a censura a que foi submetido, que se expressava desde a recusa de publicação de suas obras, até a prisão, não conseguiu eximir seus escritos de suas convicções.

Essa descrição nos ajuda a entender como Reclus destoa do pensamento clássico, apesar de estar inserido no contexto positivista do século XIX, caracterizado pela crença quase mitológica no progresso. Empolgado também ele pelo “século das luzes”, não deixa de analisar as mazelas deixadas para trás apesar do, e em função do, avanço da ciência e expansão industrial e urbana. O tema urbano, assim como o rural, é especial objeto de atenção que o faz refletir sobre onde as dinâmicas de migração estariam levando a humanidade. Em introdução à obra “Élisée Reclus – Geografia”, um resgate do pensamento desse autor, Manuel Correia de Andrade ressalta:

“Em outros estudos ele mostrou, com casos específicos, a miséria, que se prolongava nas cidades industriais à proporção que elas cresciam e que camponeses vindos do meio rural se acumulavam em seus arredores, em condições miseráveis. Este assunto não despertou o menor interesse dos geógrafos, que não aprofundavam pesquisas sobre a vida urbana e o processo de industrialização”.(ANDRADE, 1985).

É nessa perspectiva que cruzamos com o tema que trata este artigo, a conexão urbano-rural, através de uma prática específica capaz de se tornar mais que um elo de ligação, mas uma fusão entre realidades, outrora consideradas limítrofes e opostas.

Em “*O problema urbano – Migrações, êxodo rural e problemática do crescimento urbano*”, um ensaio que faz parte de sua última obra, “*L’homme et la Terre*”, Reclus então se dedica a um tema quase inteiramente dominado por engenheiros e arquitetos, que concebiam a cidade em seu racionalismo matemático.

Esses personagens muito complexos que eram pra ele as cidades, se colocam a sua frente como causa e consequência simultaneamente de graves problemas e de importantes benefícios para a humanidade, dispondo de forças criadoras e destruidoras. São nelas que se concentram as chagas, e que transparece com mais nitidez a diferenciação e exploração social. Mas são também elas campos de congregação, onde aflora a criatividade social.

“A Babilônia e a Nínive da antiguidade maravilharam os povos, mas as Babilônias modernas são maiores, mais complexas, mais pululantes de matéria humana e de máquinas prodigiosas, amaldiçoadas por uns e celebradas por outros! Rousseau, deplorando a degradação de tantos camponeses que vão se corromper nas grandes cidades chama-as de ‘Abismos da espécie humana’, enquanto Herder

vê nelas os 'Campos excluídos da Civilização' (...) De fato, todos os vitupérios dos blasfemadores são justificáveis, como também o são as exaltações dos glorificadores. Quantas forças vivas se extinguíram por falta de aplicação, ou então foram semidestruídas pelo ódio nessas cidades de ar impuro, de contágios mortais, de lutas desordenadas! Mas, também, não foi desses agrupamentos de homens que brotaram as idéias, que se criaram novas obras, que explodiram revoluções que libertaram a humanidade das gangrenas senis?" (RECLUS apud ANDRADE, 1985, p 143).

Enxergar como surgem esses centros de concentração de pessoas é essencial para entender a cidade dentro de um contexto mais amplo do território onde se insere, e como se relaciona com o meio. O relevo foi durante muito tempo o principal condicionante da ocupação humana, depois a roda, a domesticação animal e a máquina modificaram as relações de tempo e espaço, determinando o afastamento entre as grandes reuniões de homens e mulheres. O transporte e os fluxos de mercadorias então passaram a determinar a organização do espaço. As cidades adquiriram certa autonomia em relação às características físicas, mas é importante entender que todas as condições naturais influenciam no desenvolvimento delas, para melhor ou para pior.

Para Reclus a evolução das cidades mostra uma história de constante morte e recriação. Quando já não corresponde às novas necessidades geradas em seu meio ela inevitavelmente morre, e se recria de forma a satisfazer as novas condições. “*Enquanto uma cidade na América nasce acomodada a seu meio, Paris, envelhecida, amontoada, suja, deve se reconstituir todos os dias*” (RECLUS apud ANDRADE, 1985, p 156). Essa idéia é parte de sua teoria essencial que considera a cidade enquanto um *organismo vivo*. Chave para entender sua concepção, o conceito de cidade como um organismo compreende que cada parte funciona em inter-relação para a constituição do todo.

“Qualquer que seja o caso, [do surgimento da cidade] toda cidade nova chega logo, exatamente por causa da justaposição das residências, a constituir um organismo coletivo, em que cada célula individual procura se desenvolver com saúde perfeita, condição básica para a saúde do conjunto. (RECLUS apud ANDRADE, 1985).

Assim sendo, se alguma parte do organismo apresenta um defeito, afeta todas as outras, desequilibrando o todo. O saneamento, a utilização reciclável dos recursos, a interação com o meio, a organização dos transportes comunitários, entre tantos, afetam cada qual a saúde geral do organismo.

Enxergando no ambiente o modelo de desenvolvimento para a humanidade, Reclus apresenta grande preocupação com a “feíura urbana”, que representa seu desacordo com o meio. As linhas e contornos simétricos, característicos de uma estética artificial, causam grande desconforto e mal-estar. A feíura se apresenta, sobretudo, quando esta estética é operada por empresários em acordo com arquitetos, sem a participação das pessoas que habitam. A poluição, característica das grandes cidades, completa este quadro caótico.

Também percebeu a tendência do fluxo a se operar, depois de um certo tempo, da cidade para suas periferias e seus arredores, e que, apesar de afastar as pessoas dos centros de atmosfera carregada, as punha em situação ainda pior de infra-estrutura, além de submeter o trabalhador ao desgaste em longos trajetos, más refeições, e repousos noturnos encurtados.

Frente então à questão que se coloca no início, se o futuro para uma sociedade melhor passa pela dissolução ou não das cidades, Reclus se enfrenta com a realidade para construir sua teoria: as aglomerações urbanas de então não mostravam nenhum sinal de que haviam atingido a maior extensão imaginável. A tendência na verdade parecia a oposta. E então desconstrói qualquer utopia primitivista:

“Por um movimento de reação bem natural contra o medonho consumo dos homens, (...) reformadores pedem a destruição das cidades, o retorno voluntário de toda a população ao campo. Sem dúvida, numa sociedade consciente, que deseja resolutamente o renascimento da humanidade pela via dos campos, essa revolução, que nunca houve, seria estritamente viável: avaliando-se somente em cem milhões de quilômetros quadrados a superfície das terras de permanência agradável e salutar, com duas casas por quilômetro quadrado, cada uma delas contendo sete a oito moradores, isso seria suficiente para alojar a humanidade; mas a natureza humana, cuja lei básica é a sociabilidade, não se acomodaria nunca a essa dispersão. Sem dúvida necessita o farfalhar das árvores e o murmúrio dos riachos, mas precisa também da associação com alguns e com todos: o globo inteiro se torna para ela uma enorme cidade, que é a única a satisfazê-la” (RECLUS, apud ANDRADE 1985, p. 165).

Confrontando-se com a consciência que não consegue conceber as dimensões, presumidamente distintas, urbana e rural sem pensar em dois lados de um mesmo planeta, Reclus propõe o ideal da *cidade-jardim*. A única que consegue responder ao programa de conceber a todas as pessoas o acesso aos recursos necessários para o pleno desenvolvimento de todas as capacidades humanas.

Para esse programa, que necessitaria de uma lógica e de uma logística nova, que re-empregasse de maneira racional as águas, os detritos orgânicos e os esgotos, processando-os dentro de seu próprio sistema, ele propõe um resgate do conhecimento dos antigos agricultores, com os quais os agricultores modernos “*têm muito o que aprender*” (RECLUS apud ANDRADE, 1985).

Em “*A ação do homem como modificador das condições naturais, dominando e transformando a natureza*”, Reclus comprova sua teoria a partir do exemplo da cidade de Londres, a qual segundo um relatório do “*The Board of Health*” necessitava executar “*essa obra tão necessária, que transformaria sua cidade num verdadeiro organismo vivo*” (RECLUS Apud ANDRADE, 1985). Ele se refere à obra que resolveria organicamente o problema do esgoto de Londres, transferindo seus 22 mil metros cúbicos de detritos por segundo, de então, para a fertilização de mais de 60 mil hectares de terra, capazes de fazer crescer capim suficiente para “*suprir a necessidade de mais de 100 mil vacas leiteiras, bem mais do que o necessário para abastecer a imensa cidade de leite e manteiga*” (RECLUS Apud ANDRADE, 1985).

“Se assim for, mas somente então, as cidades poderão atingir seu ideal, transformando-se exatamente conforme as necessidades e aos prazeres de todos, e tornando-se corpos orgânicos perfeitamente saudios e belos” (RECLUS, Apud ANDRADE 1985, p.163).

Panorama atual da agricultura urbana

“Dá-se o nome de *maraîchers* aos horticultores que, nas vizinhanças de nossas grandes cidades, sabem como fazer crescer a maior quantidade de substância vegetal num pequeníssimo espaço de terreno” (RECLUS Apud ANDRADE 1985).

Pode-se considerar antiga a prática de plantar dentro ou nos arredores de uma grande cidade. Na verdade, desde o surgimento das cidades a agricultura foi praticada no seu espaço comum, sendo ignorada pela ciência e pelo Estado do século XX.

A idéia de agricultura urbana então vem resgatar o conhecimento à prática, reavaliada como portadora de inúmeros benefícios à sociedade, em vistas de evidenciá-la e defini-la para então aplica-la enquanto política de estado. Os esforços para isso crescem à medida que a prática

se expande, o que, por sua vez, acompanha o crescimento das grandes cidades e da urbanização em geral.

Principalmente depois da Conferência das Nações Unidas “Habitat II”, realizada em Istambul, Turquia, em 1996, na qual foi apresentado um relatório sobre agricultura urbana, baseada nas experiências de 18 países, apresentado pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), é que esses esforços vêm ganhando em volume e visibilidade.

A entrada do tema ambiental no cenário de interesses internacionais também pode justificar esse resgate da agricultura urbana como uma prática ecológica, e como uma saída para o desenvolvimento sustentável das nações.

Esse relatório aponta 800 milhões de praticantes da agricultura urbana no mundo, além de compor grande parte do consumo de alimento e também do comércio de alimentos. Todavia as dimensões totais da agricultura urbana não são fáceis de calcular, pois ela envolve muita informalidade, constituindo ainda majoritariamente uma atividade autônoma do Estado, sendo apenas recentemente reconhecidas em vários países.

Mas foi em Cuba que a agricultura urbana chegou ao seu ponto mais próximo de uma integração total na cidade. Tendo sido absorvida pelo governo cubano como política oficial durante a crise dos anos 90, ela foi responsável pelo ascenso formidável da agricultura e alimentação cubana. Fazendo uso do conhecimento e da ética agroecológica, essa agricultura foi além de suas metas propostas, tornando-se um modelo para todos os outros países.

No Brasil, a proliferação descontrolada das periferias se encarregou de fazer surgir por espontaneidade milhares de iniciativas nesse sentido. Mas desde o relatório do PNUD as ações têm sido mais enfáticas, incorporadas ao plano de desenvolvimento e ordenamento territorial de muitas cidades. Programas como o de São Paulo, em que foram efetuadas desapropriações, contratação de técnicos, e uso de máquinas e crédito para a prática da agricultura urbana devem ser levados em consideração. Entretanto, a rápida dissolução e término deste programa com a mudança de governo e a saída de Marta Suplicy, apontam a fragilidade das políticas de Estado que tratam da questão. A capacidade de se autodesenvolver é a principal atividade que deve ser estimulada para que essa prática tome terreno, e não se torne demagogia. A potencialidade da agricultura urbana transparece inclusive com a sua absorção ao programa Fome Zero, que a considera uma de suas principais estratégias para o problema crônico da fome.

Outras iniciativas importantes que merecem destaque são as de organizações não governamentais, ações voluntárias, movimentos sociais, pesquisadores e extensionistas.

De modo geral, à medida que o aparelho urbano mundial cresce, envolvendo compulsivamente áreas periféricas e as submetendo a sua lógica de funcionamento, surgem as condições que permitem o surgimento de outras racionalidades, adjacentes a esta prática.

O caso de Florianópolis

Em Florianópolis assim como no litoral catarinense, muitas famílias praticam a agricultura urbana, em muitos casos apenas para suprir parte da alimentação do lar e em outros em decorrência de um antigo modo de produção que existia principalmente na ilha de Santa Catarina e que resiste às mudanças. Com o crescimento acelerado da cidade muitas antigas fazendas se tornaram loteamentos e entre estes ficaram alguns vazios urbanos que mantêm práticas agropecuárias.

Mas além das particularidades da formação sócio-espacial de Florianópolis, começam a surgir práticas de agricultura urbana organizada e que seguem uma política nacional e internacional de inclusão e soberania alimentar, como exemplo disso podemos citar a atuação da CEPAGRO (Centro de Estudos de Promoção da Agricultura de Grupos).

A CEPAGRO assessora 11 grupos de agricultura familiar no litoral catarinense, sendo que esses grupos estão distribuídos entre Itajaí, cidade localizada ao norte da capital e Florianópolis, onde as atividades se concentram no bairro Monte Cristo e nos bairros do Sul da Ilha de Santa Catarina.

No bairro Monte Cristo, comunidade considerada de baixa renda na capital, a CEPAGRO assessora a construção e manutenção de hortas urbanas que se dão através da articulação entre a Creche Chico Mendes, a Escola América Dutra Machado e o Lar Fabiano de Cristo. Dessa maneira espaços públicos e os quintais das casas vão sendo transformados e logo estão tomados por hortaliças produzidas através de um sistema agroecológico (sem adição de produtos químicos).

A Creche Chico Mendes possui uma horta didática onde as crianças podem ter um primeiro contato com a terra e com as práticas agroecológicas, a horta é monitorada pelos técnicos da CEPAGRO. Já a Horta do Lar Fabiano de Cristo tem o objetivo de gerar alimentos para as famílias participantes do projeto e abastecer a cozinha da entidade.

No sul da Ilha de Santa Catarina, a CEPAGRO atende as comunidades dos bairros Areias do Campeche, Morro das Pedras, Trevo do Erasmo e Armação. A entidade trabalha nesses bairros em parceria com a Escola General Antonio Vieira, Escola Básica Professora Dilma Lúcia dos Santos e Creche Municipal das Areias, além do grupo comunitário com integrantes do bairro. As ações nesses bairros visam desenvolver uma consciência ambiental e o trabalho desenvolvido consiste em assessorar principalmente às práticas de construção e manutenção de composteiras, produção de mudas e no plantio das hortas didáticas agroecológicas.

Existem outras experiências interessantes, encontradas na capital que podem exemplificar as diferentes formas de uso da agricultura urbana em Florianópolis entre elas encontra-se o caso do Padre Paulo, que construiu e mantém há 4 (quatro) anos, uma horta no telhado de sua casa, que é também seu local de trabalho, localizado próximo à Avenida Hercílio Luz, no centro da cidade.

Padre Paulo conta com o auxílio de Padre Vicente para a elaboração dos trabalhos, e a produção de alimentos serve de complemento alimentar para 12 pessoas que trabalham no jornal Missão Jovem. Entre outros alimentos são cultivados espinafre, cebolinha verde, alface, couve, quiabo, rúcula, capim limão, radiche.

O que nos parece interessante ressaltar é o fato que Padre Paulo veio de uma região onde prevaleciam as atividades primárias, portanto ele valoriza a importância dessa atividade para manter seu contato com a terra, que lhe propicia uma forma de terapia e passatempo com obtenção de alimentos sem agrotóxicos, comprovadamente mais saudáveis.

Considerações finais

As práticas de agricultura urbana não constituem algo novo na sociedade, porém as divisões impostas entre o rural e o urbano e entre o trabalho no campo e na cidade, cada vez mais, constroem um abismo entre o que se considera urbano e rural, afastando o homem contemporâneo que habita as grandes cidades das práticas ligadas à terra, ao contato com a natureza, e principalmente da produção de alimentos.

É justamente nesse sentido que o pensamento de Piotr Kropotkin, principalmente no que se refere ao desenvolvimento integral do ser humano, contribui para entender as mudanças que a agricultura urbana pretende inserir na realidade das grandes cidades, devolvendo ao homem contemporâneo contato com a terra e promovendo a proximidade entre produção e consumo, expressa como necessária para o desenvolvimento racional, integrado e não exclusivamente econômico, tal qual Kropotkin defendia.

Agricultura urbana tem sido pensada como alternativa para a segurança alimentar, e aplicada nos projetos do Banco Mundial, dos governos e nas comunidades carentes como alternativa alimentar e de geração de renda. Esta prática não está desligada de um ideal, não somente ambientalista, mas de transformação social.

Tanto Élisée Reclus como Piotr Kropotkin, tinham em suas formulações essa preocupação com a transformação da sociedade, o conceito de desenvolvimento integral do ser humano não estava desligado de um projeto de transformação da sociedade assim como a formulação de cidade jardim. E são essas as formulações que têm muito a contribuir, não no

âmbito técnico da agricultura urbana, mas no discurso ideológico, na construção do desenvolvimento desta prática como uma alternativa emancipatória e não dependente, no uso racional dessa ferramenta que pode ser motriz de transformações profundas na realidade social vivida nas grandes cidades, sobretudo entre as camadas menos favorecidas da sociedade.

Reclus pensa a cidade como um organismo vivo dependente de um uso racional, o que contribui com o pensamento e a ideologia ambientalista, essa formulação visa diminuir os impactos sentidos pelo uso irracional dos recursos naturais, principalmente no ambiente urbano.

A horta urbana contribui para a diminuição dos problemas relativos à infiltração/percolação de água da chuva causados pelas construções e asfaltos, altera sensivelmente o micro-clima, e propicia à população não somente um ambiente mais saudável, mas alimentos mais saudáveis produzidos sem aditivos agrícolas.

Assim entendemos que a cidade jardim é uma formulação que pensa a cidade não somente como consumidora do meio rural, mas como produtora e que procura diminuir esse antagonismo gerado pela divisão espacial da produção, onde a cidade é responsável por gerar tecnologia e produtos industriais e o campo por produzir alimentos destinados ao consumo nas cidades.

Acreditamos que a agricultura urbana pode se utilizar do pensamento destes geógrafos para desenvolver suas práticas e procurar tornar suas atividades não somente dependente de uma prática de estado ou governamental, mas emancipatória e autônoma, contribuindo para o verdadeiro desenvolvimento do ser humano e não apenas para o desenvolvimento do capital.

Referências Bibliográficas

VII Encuentro Internacional de Agricultura Orgánica y Sostenible; **declaración de La Habana**. Maio de 2008.

ALTIERI, Miguel A, **Agroecologia: princípios y estratégias para diseñar sistemas agrarios sustentables**. Em II Seminário de Capacitação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Florianópolis 2005, 71-79 pg.

ANDRADE, Correa Manuel. FERNANDES, Florestan (orgs). **Élisée Reclus – Geografia**. Ed Ática, SP, 1985.

CAPORAL, Francisco Roberto, COSTABEBER, Jos, Antônio, **Agroecologia. Enfoque científico e estratégico**. Em II Seminário de Capacitação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Florianópolis 2005, 65-70 pg.

CORREA, Walkíria Kruger, DAVID, César de, **A política agrária e as transformações na agricultura brasileira - de 1960 aos dias atuais**. in GEOSUL, Florianópolis, v.17, n.33, 23-43 pg., jan./jun.2002.

DUARTE, Lyz Elizabeth Amorin Melo. **Unidades familiares de produção: uma indagação teórica**. Boletim goiano de geografia. Jul./dez.2002.

FEIDEN, A.; ANDRADE JÚNIOR, E.B.; CAVASSA, A.V. **Agricultura urbana em Corumbá - MS**. 2007.

KROPOTKIN, P. **Campos, fabricas y talleres**. Seleção de Textos 13. São Paulo: AGB, março de 1986.

KROPOTKIN, P. **O que a Geografia deve ser**. Seleção de Textos 13. São Paulo: AGB, março de 1986.

LAMARCHE, Hughes (coord), **A agricultura familiar: comparação internacional**, Campinas SP, Ed. Unicamp, 1993.

PFEIFFER, Dale Allen, **Cuba - una esperanza**. Trad. Leyens, Germ n. Em II Seminário de Capacitação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Florianópolis 2005, 317-325 pg.

_____, **Definiendo una estrategia de manejo de los recursos naturales (MRN) para agricultores pobres**. Em II Seminário de Capacitação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Florianópolis 2005, 81-94 pg.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1996. 157p.

SPOSITO, Maria Encarnação, B.WHITACKER, Artur Magon (org.). **Cidade Campo: relações e contradições entre urbano e rural**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.